

| | |
|---|---|
| Redacção, Administração e Proprietária CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA - Telef. 5 Cete Composto e Impresso na TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA | Director e Editor PADRE AMÉRICO Valetas do Correio para CETE |
|---|---|

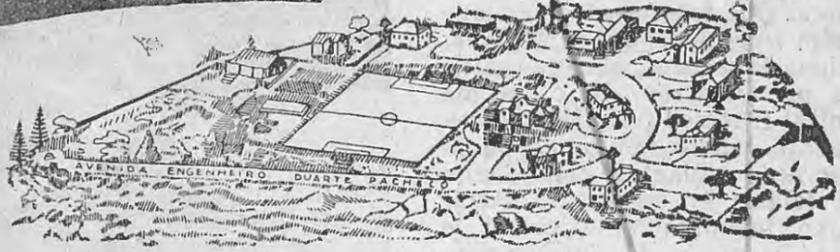
AVENÇA

Gaiato

Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VIII N.º 199
Preço 1\$00



DOCTRINA

A nossa obra, por ser viva e para vivos, não pode de maneira nenhuma girar sobre esferas; não pode. Há desgostos. Há soluções. Há desalentos. Foi justamente em uma destas ocasiões, que um dos rapazes me surpreende, repira no meu semblante e vai direitinho à ferida: *V. tem de sofrer. E! deixo-me ficar aonde e como estava e entro a saborear aquela afirmação. O rapaz repete: tem de sofrer. Quanto maior for a obra, maior o seu sofrimento.* Isto deu-se no refeitório. Refeitórios pequenos, levantavam as mesas, descuidadamente; eles não compreendem esta linguagem. Não lhes chegou ainda o tempo. O meu consolador adianta dois passos. A sua atitude é serena. As suas palavras, filhas de uma misteriosa convicção. O rapaz não me diz lamentações. Não procura meiguices. É um mensageiro da verdade crua. Passeávamos os dois na extensão do refeitório. Nova pausa seguida de nova palavra forte: *digo-lhe mais; é do sofrimento que V. tira a coragem para nos governar.*

Este rapaz tem 22 anos escasos. Não tem por isso vida para colher tão alta e sábia experiência. Naquela hora e circunstâncias, eu compreendi e tomei-o por um mensageiro divino; por um anjo a confortar. Eu acredito no governo e na presença de Deus. Eu sei de fonte limpa, que não cai um cabelo da minha cabeça de que Ele não tenha conhecimento. Eu sei que nas horas difíceis que esta missão naturalmente exige, há de vir de qualquer lado e por qualquer forma, uma aragem confortante. Desta vez foi assim. Para outra será doutra. Gostaria, contudo, que fosse sempre dos meus rapazes. Que eles fossem o meu conforto. Que eles, a quem dou o sangue, me dessem, também o sangue e assim temos na Obra a transfusão permanente! Poesia? Não é poesia. Não são frases lindas. A verdade tem e pode ser dita com formosura. Eis o caso.

Não pode girar em esferas esta Obra viva de rapazes livres. Só um desgaste permanente e silencioso é capaz de a segurar; por isso mesmo eu fiz que o altar da nossa capela seja uma pedra nua e galhenta. E teve aqui ontem um visitante; era um senhor bem posto e de meia idade. Procura-me. Tinha os olhos humedecidos. *Venho da capela, disse. Chorei na sua capela. E' o altar. Sim. E' o altar. O altar é um segredo. A vida de qualquer fiel que mereça ser dada a lume, é sempre um segredo. O melhor dela não é conhecido. Os biógrafos não dizem tudo e o que dizem não é completo.*

V. tem de sofrer no meio de nós.

Mais uma Cruz!

A notícia é para quantos andam a par dos nossos passos, através das Curraleiras. Saibam que a irmã morte passou pela barraca 29 e libertou deste triste vale de lágrimas, para o reino dos Pobres aquela tuberculosa que há anos gemia em contínuo martírio.

Vai para três anos que a conheci pela primeira vez, quando o pequeno Mário me puxou por um braço: venha ver a minha mãe que está muito doente.

Passava agoa de novo por lá quando vejo vir ao meu encontro o mesmo rapazinho debalhado em lágrimas: venha ver a minha mãe que morreu!

Entrei pela última vez no túrgio. Uma vicentina velava. O pequeno tinha acendido uma lampada. O pároco tinha vindo na véspera ungir. Felizes aqueles que adormecem no Senhor!

Um reconhecido agradecimento a quem me ajudou a minorar tanta miséria.

Não acabou porém a nossa missão naquele bairro. Já vi partir dali cinco corpos mirrados pela doença das tocas; mais três esperam, para breve, carta de chamada. Não é possível dizer como, onde e com quem vivem.

Não esqueçam os nossos Pobres das Curraleiras.

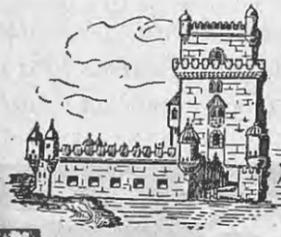
A propósito, uma pergunta:

É para os teólogos. Um deles quis há dias ir comigo. Gosto de ir bem acompanhado. Como não estava habituado ao cheiro daqueles sítios, o homem passou um mau bocado. Queria retirar-se, ir beber alguma coisa. Parecia-lhe que se lhe atravessara na garganta, toda a imundície das tocas. Junto dum monte de farrapos, donde saía uma cara febricitante, eu fiz uma breve oração. A saída o teólogo bem me perguntava que é que tinha feito. Não lhe pude responder para não o escandalizar.

Li numa revista francesa que os Padres da Missão de França, que trabalham entre os operários de Marselha, se queixam da distância que os separa dos teólogos pois aparecem problemas novos que eles não têm tempo para resolver. Precisam da opinião dos estudiosos.

Quere-me parecer que um destes problemas é o seguinte: serão de facto, só sete os Sacramentos?

Que sacramento posso eu administrar a este ser humano o sr. João, da Barraca 30 que, há tempos esquecidos, vai apodrecendo numa encherga infecta? Nele se encontram compendizadas as seguintes virtudes: é surdo, mudo, ignorante dos rudimentos da religião, paralítico, e amancebado com uma mulher que se vende para sustentar o pobre desgraçado.



Aqui,
LISBOA!

É que Sacramento, para esta outra infeliz que, desde os quatro anos, não sabe senão o que é sofrer. Há trinta e seis anos que uma tuberculose óssea lhe abriu pelo corpo meia dúzia de bicas de puz. Morreu. Não foi baptizada, não soube que Cristo nos resgatou, ninguém lhe ensinou a A. M. Os males de Teresa do Menino Jesus ou Bernardo de Vasconcelos são outeiros diante de montanhas de sofrimento que esta suportou.

Contudo, volto a perguntar: *nula est Redemptio?*

Enquanto os teólogos vão estudar ou possivelmente rir-se da minha ignorância, eu levanto as mãos ao Pai Celeste por ter enviado o seu Filho à terra. Ainda que mais não tivesse feito, bastaria, para que o mundo dos que sofrem, se mantivesse eternamente grato, a declaração que Ele veio fazer, no alto da montanha. Bemaventurados os que sofrem! Bemaventurados os Pobres!... Os que choram! Eu tenho dó do povo!...

Sim: quere-me parecer que a dor, a fome, a pobreza, o trabalho, a nudez têm com o baptismo de fogo ou de sangue, o valor de sacramento, quando, em casos como estes, não foi possível a felicidade de receber outros sacramentos.

Não seria com esta chave que o Bom Ladrão abriu as portas do Paraíso?

O Património dos Pobres

Continua a crescer. Estão começadas duas casas e temos em vista mais uma terceira. Vai af pelo Tojal grande alvoroço: uns dizem que as casas são para a minha família; outros que são para os meus amigos. Há quem lamente que não faça casas de renda para lucro desta Casa do Gaiato.

O mundo nunca tal viu, e, por isso, não acredita. Ajuda-nos Lisboa, a darmos vista a estes cegos!

Uma leitora certa do Gaiato, endividada que «pensa constantemente nos inelizes que vivem em barracas de tábuas e latas velhas» lamentando nada mais poder fazer, manda uma pulseirinha de ouro oferecida ao filho mais velho quando nasceu; uma outra envia uma moeda de 20 francos de ouro, com uma carta inflamada Assina uma pobre Maria. Um empregado da C Santos envia 100, e a Carolina 50\$. No Montepio H. F. depositou 500\$. O Assinante 10 101, outro

tanto, sendo cem para duas telhas. Mais cem do Pedro e da Maria Teresa. Outro tanto da Rua Alvares Cabral; metade dum sacerdote pobre; I. M. P., em memória de seu pai, dá 50 para a conferência dos rapazes. Dois rapazes pobres dão 10 para a mesma; E. N. S. por intermédio da Casa-Mãe do Gradil 1.000\$.

Ainda no Montepio alistaram-se com 20\$: Alice e M. A. S. várias vezes, vários anónimos fizeram outro tanto. Com 50\$: L. V. e J. P.. Houve quem depositasse o valor dos bilhetes do Tivoli. Com 100\$: um médico do seu primeiro ordenado; Monny tell para uma missa por alma do seu marido (o que foi já cumprido), Teixeira, e uma admiradora da obra. Um tanque mata-borrão cheio de moedas, dum iniciativa dum funcionária do Ministério da Economia, 105\$10. De A. C. R., 5\$. Da A. da República mais 50\$. Do laboratório Luso-Farmaco 30 ampolas de Procilina. Já este ano tinha dado 150 e 100 o ano passado. De Moçambique 250\$ dum promessa. 50\$ dum Maria por um irmão que se vai estabelecer e outro que vai casar. Que seja feliz! Roupas usadas e retalhos de flanela. Frascos roupas e jornais de Lisboa. Por um ardina 50. Do Buçaco 500. No rápido, algumas notas de cinquenta, e um grande pacote de livros na Igreja de S. Domingos. Roupas da Cruz Vermelha; 1.040\$ e 125\$, respectivamente dos sempre fixos empregados da Vacuum e Nestlé.

P.º ADRIANO

O NOSSO LIVRO

Com esta coisa de férias, atrou-se um bocadinho, mas recomeçamos com impeto e a nova folha anda já no prelo. Continua-se a dizer que este segundo volume pode e deseja-se que seja a prenda do próximo Natal. Vamos a ver.

Quanto ao postal que anda em giro a pedir os atrazadinhos o custo do primeiro, este tem sido uma bicha de rabiari! Para descanso de todos tornamos aqui a dizer que não é necessário dar resposta, uma vez que haja a consciencia de já terem pago o livro. De resto, é isto mesmo que se diz no texto. Quem pagon, rasga o dito e anda prá frente.

CASAS

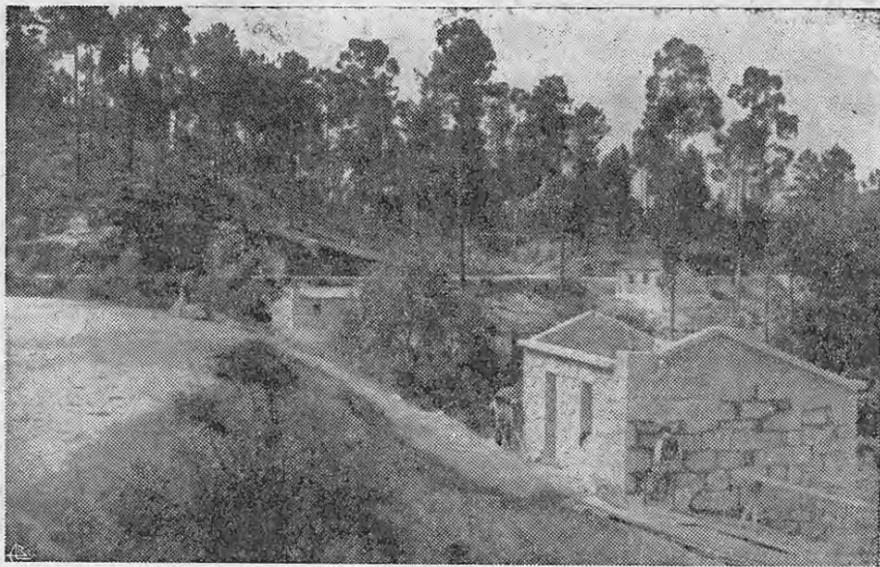
A ideia tem mais força do que a espada. Eu admiro-me de como se está respondendo a esta da construção de moradias para os pobres! Que fossem párcos; que fossem vicentinos; que sejam companhias de seguros, não era muito. Mas particulares, isso é que me admira! E temos recebido, efectivamente, cartas individuais, aonde se pede a planta e condições e que falam do desejo de deitar abaixo imediatamente certas e certas barracas. A gente responde na volta sem perda de tempo. Nós damos voluntariamente todas as indicações. Nós queremos um mundo construído de novo, com a raiz no amor de Deus e do próximo.

A da Companhia de Seguros é assaz interessante; pediram-nos a planta, as condições, e que pretendem erguer casas semelhantes. Ninguém espera, naturalmente, que a Companhia as entregue como nós estamos fazendo. Não seria uma Companhia de Seguros, se o fizesse. Mas eu acho muito e muito bem que esta e outras se empenhem em construções pequeninas com rendas pequeninas, para darem ao Pobre a alegria de viver. Não nos esqueçamos que eles são a maioria. Não caíam as companhias de seguros no erro de construir sómente casas privilegiadas para as classes que por sorte já o são. Eu cá fico triste quando passo nas principais ruas das cidades e vejo letreiros enfáticos em prédios de primeira linha, com o nome dos seus possuidores. Isto é preciso. Isto tem imediata aplicação. Isto não faz mal a ninguém. Mas não é um bem completo e pode arrastar para o mal... Companhias de Seguros fazem o seu negócio; saibamos nós fazer também o nosso.

Falo aos homens de boa vontade; construir por amor de Deus. Entregar por amor de Deus. Restaurar no mundo o Amor. Por amor deste Amor trabalhamos e vencemos. Por amor deste Amor não seremos nunca reduzidos. Deixemos as casas de rendimento; que os mortos enterrem os mortos!

Falo aos homens de fortuna e digo-lhes em nome de Deus que não podem, racionalmente, fazer a sua, enquanto houver um vizinho da porta arrumado na barraca. Não pode, porquanto um e outro, quando invocam o nome de Deus, dizem *Pai Nosso*. Por isso o nosso Deus não o é de classes. Um vizinho, digo; e eles são vizinhos e vizinhos e vizinhos! Não é naturalmente do céu a luz que nos mostra esta desgraça. Não é. É antes a luz do mundo. Por isso não damos fé. Por isso não vemos a barraca nem conhecemos quem mora dentro dela. O mundo sem Cristo é a escuridão. Vivemos em trevas. Andamos perdidos. Falo hoje aos homens de fortuna.

Se se toma por obra de misericórdia dar sepultura aos mortos, como havemos de classificar esta de casas para vivos? Dar uma chave! Dizer ao novo ocupante que tem uma casa sua e esta por toda a sua vida! Ouvi-lo falar! Há dias, entrei dentro e falei com uma das ocupantes. É uma controvérsia. Já o era antes de vir para o que é hoje seu. Morava numa toca, sem luz. Era um sítio morto por onde ninguém passava. Agora não. A doente teve o cuidado de colocar a sua cama ao pé da janela do seu quarto e agora falou-me assim: *eu daqui vejo quem passa. Sou feliz. Ainda que não olhem para mim,*



«A ideia tem mais força do que a espada». Umhas construídas, outras em construção, outras já a fumegar! Aonde está o coração que não palpita? Aonde o crente que não dê glória ao Pai Celeste?

Agora

Na última venda do quinzenal, deram ó Tino uma nota de mil escudos, descoberta. O rapaz dobra, meteu na algibeira e entregou. Tudo muito simples. Ama o rapaz da rua e terá dele grandes coisas. Não faça caso e também terá deles outras grandes coisas. Tudo muito simples. Mais 230\$ do Porto. Vai aqui uma *pecadora de Sá da Bandeira*, Angola, com um lençol; *tenho apenas 6 lençóis*. Com este lençol leva também a grande pena de não poder enviar mais nada por enquanto. É uma *pecadora*. Levamos pecadores na procissão. Os senhores não tenham medo. Os senhores aproximem-se. Medo tenho eu dos que se dizem santos.

Atraz da *Pecadora* vai um funcionário público de Matozinhos com uma fechadura de 100\$. Um nadinha ao lado, temos um visitante de Barcelos com mil deles. Segue *uma aflita* com uma telha de 20\$. Alguém de Agueda vai com outra fechadura de 100\$. Há um senhor do Porto que não esteve com meias medidas e mandou notícia por um dos vendedores que oferece vidros para 50 casas! Ai Porto, Porto, quão tarde te conheci! Ainda ontem foi o dia que passando por ali e para não perder mais tempo, entrei no Abadia com o meu novo motorista: o Armando Alfredo. No fim, sem nada pedirmos, o creado esata a servir doces e vinho fino. Eu desato a dizer que não. Ele ateima e declara que *os nossos superiores assim mandaram fazer e que estava tudo pago*. Espinho vai aqui com 50\$. Vai aqui alguém do Monte dos Vendavais com o *fruto das nossas economias*. Uma estudante de Cacem vai com 20\$. Logo atraz, outro tanto de uma telha. E outra telha. Agora vai o Nuno de Riachos, que a maior parte dos leitores conhecem, com uma *telha Ribatejana* de 50\$. O Nuno casou-se e é pai! Viva o Nuno! Mais esta carta do Seixal:

«Junto envio essa pequena quantidade toda feita de migalhas que entre um grupo de operários pudemos arranjar para ajudar essa grande obra de Casas para Pobres. Padre Américo é preciso que es-

olho eu para eles. Vejo quem passa e com isso me alegro. Deixo aos meus leitores a consideração livre para que meditem e se alegrem e amem. Não sejamos covardes. Demos a palavra e ouçamos os que nos pedem justiça e amor. Casas aos vivos!

Só faltam 1.002.395\$00

se brado que vós dais para que haja caridade, faça eco em todos os corações para que deixem de existir todos os barrados de Portugal.

É preciso que cada um de nós tome bem a responsabilidade dos deveres que tem a cumprir com o nome de cristãos. Somos pobres pois o nosso pão é amassado com o suor de cada dia, mas nem por isso devemos esquecer aqueles irmãos mais pobres que nós e que esperam o nosso auxílio.

Oh Pai Américo, como seria bom que em todas as oficinas, nos escritórios, nas repartições, em todos os lugares, soasse como um clarim esse brado que vós lançais. É preciso destruir Barrados e construir Casas para Pobres.

Ficamos pedindo a Deus que toque em todos os corações para que haja caridade, e que vos abençoe e todos que trabalham nessa casa.»

As migalhas cifravam-se em quatro notas de vinte e uma de 50\$. Do mais não digonada. Chaves vai aqui com cem deles. Também segue um batente da porta. E uma rípi. Nada fica esquecido.

Mais uma fechadura de 50\$. Um assinante de Lisboa enfileira com 500 deles; carta modesta, letra modesta tudo apagado, sim, mas sombra—não. Luz! Imediatamente a seguir, vai *uma alma muito atribulada* com 100\$. As atribuições são uma necessidade moral. Elas são o caminho. Ao lado, vai alguém com metade, que chama *uma pequenissima ajuda*. Aquele superlativo indica uma vontade piedosa e uma pena de não poder dar mais. Que lindo material de construção desta sorte de casas! Queiram arrumar-se um nadinha; é *uma avó* com 100\$. Tornem a arrumar-se, por favor; é um pregador do Evangelho:

«Se a procissão prá tipog alia me entusiasmou e me entusiasmou e me levou a enfileirar sempre que me foi possível, esta ou outra, para as casas dos pobres, quase me faz virar o juízo! Eu explico:—há bem duas dezenas de anos, se não mais, que o meu sonho número um é ter uma casinha minha, modesta mas confortável. Nestas paragens porém, onde tudo é tão caro e tão cheio de dificuldades de toda a ordem, esse sonho não pode ainda e possivelmente não poderá nunca, tornar-se realidade. Por este motivo tenho por vezes, momentos de grande desconsolo que acabo

NOTA DA QUINZENA

A nota d'hoje é feita da seguinte carta, dirigida ao Senhor Ministro das Finanças. Vamos a ver.

«Em separado, tomo a liberdade de enviar a V. Ex. cia um exemplar dos nossos estatutos e também um dito das constituições íntimas da Obra da Rua, por onde se vê que ela está moralmente impedida de receber heranças.

Agora mesmo, por causa duma, tenho de assinar um auto de repúdio, na presença do juiz da comarca aonde o testamento corre. Por causa doutras, tenho sofrido arrelias. Não estou livre de continuar.

Se isso for possível, eu rogo a V. Ex.ª o favor de um despacho aonde conste que toda a herança a favor da Obra da Rua e Casas do Gaiato, seja automaticamente repudiada.

Nós somos muito felizes com o estado de pobreza em que vivemos. Temos já 10 anos de vida brilhante. Comemos o pão do nosso trabalho. Há, já, inúmeras recuperações sociais e muitas se estão operando. Se amanhã houvessemos de distrair rapazes das suas ocupações de hoje, para tomar a gerencia de bens de mão morta, isso seria uma nota prejudicial. Era a tinha. Obras ricas, estão naturalmente sujeitas a desmoralizações.

Espero que V. Ex.ª. Senhor Ministro, tome em conta este pedido, a Bem da Nação.»

sempre por dominar pensando que maior desconsolo devem ter os que não tendo uma casinha sua, não têm também meios para alugarem um a, o q. e graças ao Altíssimo, não é o meu caso. Por aqui pode avaliar o *sobressalto* que senti quando a precissão saiu, e como desde logo, a compreendi, e amei, e matutei na forma de nela me incorporar. Ao cabo, resolvi sem dar cavaco a ninguém e de acordo com o que o coração me pede a favor dos tristes que nada têm, dar a um deles justamente o que tanto ambiciono para mim—uma casinha! E, meu Padre, se bem o resolvi, melhor o farei se Deus me não faltar com a esmola da saúde. Para começar, aí vai um cheque de 1.835\$00. Esta é a minha primeira prestação à qual outras se seguirão com maiores ou menores intervalos, de mais ou menos importâncias conforme me for possível. no dia em que completar os 12 mil escudos, creio bem que sentirei uma grande e sã alegria. Já que não posso dar-me a felicidade de uma casa para mim, que Deus me ajude a poder contribuir para que outrem tenha essa grande alegria.»

Mais um nadinha de espaço, por favor, também. Vai passar alguém com 100\$ do meu último aumento. Ou ro pregador; outro discípulo de Cristo. Mais 100\$ de algures. Mais uma de Peravelha com outro tanto. Segue também um senhor do Porto com telhas e vidros, no valor de 300\$. Ao pé, vai uma *vicentina* com uma telha de 20\$. Logo atraz vai uma de Lourenço Marques com *uma pedrinha* de 20\$. Mais 100 deles.

VISITANTES ILUSTRES

Eu não estava, mas fiquei contente ao saber que tinham estado. *Presidente*, contou-me tudo. Era o Clero do Arciprestado de Ponte de Lima, presidido pelo Rev. Reitor António Pereira Lima. Levaram livros. Ficaram assinantes. Cotizaram-se e deram do que lhes faz falta.



O QUE NOS VÃO DANDO

Os habitantes do Bairro Económico do Loreto, num jantar de confraternização comemorativo do X aniversário da fundação do dito, fizeram entre si uma cotização a favor da Casa do Gaíato.

Muito bem. Uma coisa muito cristã e muito patriótica e muito social.

Na maior parte dos jantares desta natureza perde-se a noção da economia e até da dignidade humana; quantas vezes os comensais saem de lá azedos uns com os outros e consigo mesmos. Estes não; no fim estavam todos de bem e no meio da alegria de terem uma casinha, quiseram repartir com aqueles que nunca a tiveram e que agora têm a nossa, e que é de todos. Assim, bate certo. Desta maneira haja jantares de confraternização; *bacanaís*, como muitos fazem, não. Que os habitantes do Loreto sirvam de exemplo e sejam sempre luz e que sejam muito felizes.

Quando em Agosto fomos fazer o pedido ao Luso, por ignorância, não batemos à porta do Hotel Lusitano. A senhora ficou muito triste, mas agora teve o prazer de tirar da saca uma nota de quinhentos muito douradinha (não visse alguém colocá-la lá) e mais sete notas de cem e mais assinaturas e muita consolação.

E umas calças usadas; e da mãe de um estudante que já tem dado mais e que agora deu cem em acção de graças pelo bom resultado dos exames do filho; e duas visitantes muito *juntinhas* com igual quantia. Mais duas senhoras que foram entregar ao nosso Lar uma de quinhentos e duas de cem; mais roupas usadas; mais cento e meio deixados no Castelo, na Sofia.

E uma loja nova de fazendas que se quis alicerçar na Obra, fazendo o depósito de uma dúzia de colchas lindas; lindas! Esta loja há-de ter sorte, pois a sorte dá-a Deus e este senhor procura. O. Fica situada na Praça do Comércio. Mais de um pai cinquenta pelo bom exame do filho e dez pelas melhores da sua esposa, deixados no Porfrio Delgado; mais arroz de uma benfeitora de muitas vezes; mais cem; mais sete kilos de carne da Delegação dos Pecuários. Não a provei, mas disseram-me que era muito boa. Mais cinquenta em carta para a Obra do P.º Américo; mais de um senhor, além da assinatura, cinquenta por alma *duma pessoa que faleceu nesta data*.

E um recado para mandar buscar uma coelha; e na despedida *tome lá para não perder tudo*, de pessoa amiga: eram cinquenta. E uma carta com muita cautela e com quinhentos apegados em nome de Deus. Ora aqui é que está o valor daquilo que damos: em nome de Deus. E cem dum sacerdote que lhe deram para um livro e ele deu-nos o dinheiro. Tudo de Coimbra.

E visitantes com cento e doze e quinhentos; e deles com vinte; e outros com o mesmo, e uma com metade; e mais com a quarta

é seu e acabou.

Eu não adivinho de quem seja aquela carta, e gostava. Eu gostava de ouvir o segredo. Há-de ter muitos para dizer e muito importantes, quem tão perto anda de Deus!

parte; e a seguir com quinhento e cinquenta e rebuçados; e depois outros com noventa e pediram e comeram do *nosso melão* e da *nossa água*, só por serem nossos. Tudo em família. Tem mesmo que ser assim. Desta forma há mais vida, mais amizade, mais confiança.

Os senhores visitantes não tenham receio de participar da nossa vida e das nossas faltas. Assim é que nós nos entendemos. Desta maneira sentimo-nos todos muito bem.

E cinquenta de um sacerdote que visitei e não quero que digas nada no jornal. Eu não digo; as obras é que dizem. E cem doutro sacerdote junto ao mar de Mira e quarenta dum *doutorinho* ainda mais pertinho do mesmo. E quarenta dum senhor de Lisboa e cem do mesmo sítio e ainda uma encomenda de lá. Não haja desânimo!

A NOSSA MISSÃO: O Sr. P.º Américo já esclareceu: mas nem todos compreenderam. *Se fossem todos como o P.º Américo... Os Padres da Rua é que são!... Os senhores é que são padres a valer!*... dizes tu. Se és filho da Igreja não lhe roubes uma das suas notas mais belas: a *catolicidade*. A Igreja abarca todos os povos e todos os ramos de actividade. Não há gregos, nem gentios, nem raças, nem cores, nem línguas, nem castas, nem nada. São todos os homens. A missão do padre é missão redentora. Não acredites que Cristo Senhor Nosso só foi Redentor quando deixou a casa paterna e foi pregar e curar e dar pão. Não. Cristo foi Redentor também na sua vida oculta. Ele, Deus, a obedecer às criaturas, a aprender de S. José a arte de carpinteiro. E olha que apesar de saber tudo, não lhe disse que *aquela carpintaria era pre-histórica!* Aprendeu mesmo assim e depois ganhou o pão para sua Mãe e para Si com suor.

O valor da nossa acção não está naquilo que tu vês; está na intensidade do Amor que lhe devotamos.

Há muitas maneiras de dar pão; pão do corpo e pão do espírito. Pão de trigo e de milho e de centeio e de cevada e tudo o mais que tu conheces. Pão da oração, pão do confessor, pão da pregação.

Tudo isto é pão e todo ele é necessário. A grandeza para aqueles que o dão vem do Amor de Deus que os acompanha.

Se eu falar todas as línguas dos homens e dos Anjos e não tiver caridade, sou como o som que passa e como o sino que tina. Se eu distribuir tudo o que tenho para alimentar os pobres e não tiver caridade, nada sou. Se eu vestir todos os nus e matar a fome a todos os famintos e der trabalho a todos os desempregados e tutelar todos os orfãos e educar todos os vadios e não tiver caridade, nada valho.

A caridade não incha. Tu com os teus louvores podes nos fazer inchar e até rebentar. Não queiras roubar a glória a Deus e a paz à nossa consciência. Olha aquele sacerdote que à hora da morte se queixava: *trabalhei muito, mas amei pouco*. Se amaste pouco, a medida de Deus é o Amor.

Deixa nos trabalhar por Amor de Deus e não nos embaraces com os teus elogios.

Escrevo estas linhas aos pés da Virgem na Cova da Iria. Ela é Mãe e como tal tem igual amor a todos os filhos. Reza por nós. É a *Mensagem da Fátima*. Cumpramos.

PADRE HORACIO

CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL

Duas palavras, para dizer aos nossos leitores que as listas vão chegando e a seu tempo, todos receberão o jornal. Alguns impacientam-se um bocadinho e querem saber porque ainda não. É o Avelino a fal-lo seu método. Seguro. Firme.

Pergunta que chegue, leva resposta satisfatória. Assim fosse o *Piolho!* Este, quando vê à sua frente muito que fazer, mete o termómetro, a ver se arranja uma febrezinha...! Avelino foi dar com ele um dia destes, sentado na cadeira de trabalho, muito hirto e pensativo e muito quietinho.

— Que estás a fazer?

— Estou a ver se tenho febre!

Piolho foi há dias entregar um serviço de responsabilidade a casa de um cliente. Foi e veio muito inchado. Contou de como fora recebido no escritório da gerência e de como fora perguntado sobre muitas coisas e de como iam chegando à porta do escritório muitos subalternos para falar ao patrão e que este os mandava esperar e foi justamente aqui aonde o *Piolho* inchou; *eu estava dentro, sentado, e os tipos lá fora, de pé.*

E vamos prós 50.000 deles.

Vamos sim senhor. Porquê? Porque a tipografia é dos rapazes. Eles sabem e sentem que são da Obra. Eles amam-na. Eles dizem a *nossa tipografia*; o *nosso jornal*. Estar ao serviço de alguém ou de alguma coisa não é o mesmo que ser. Eles são. Eis.

África tem sido o ponto forte. Luanda e Moçambique marcam. Não há dia que não traga boas notícias do ultramar. Os rapazes já se não espantam das notas nem dos selos ultramarinos. Portugal em África poderia ser o nome do Famoso!

CANTINHO DOS RAPAZES

O *Fatsca*, um dia destes, entrou na cozinha, estando sobre o fogão uma panela com fruta em calda e o *Covilhã* a tomar conta. A fruta era destinada aos nossos doentes. *Fatsca* tenta-se e *Covilhã* ameaça de o acusar à senhora. *Fatsca* insiste, não faz caso dos bons conselhos, não teme. Tira o tecto da panela e come da fruta em calda e andou.

Horas depois, *Fatsca* andava na boca de toda a gente. Dizia-se que ele tinha ido ao doce dos doentes. Isto chegou naturalmente aos meus ouvidos. À noite ouve tribunal. Vieram ao meio, deliquente e testemunha. *Fatsca*, começa por dizer que só lambeu a colher e fá-lo com altivez. No mesmo tom, a novas perguntas, declara que comeu, mas que a panela ainda ficou mais de meia. Não admite a culpa, não mostra arrependimento. Estavam 200 rapazes. Eu chamo-o à gravidade do caso; já não era pouco ter entrado na cozinha sem ser ali chamado e ter bulido na panela, mas comer o que estava reservado e fazia falta aos nossos doentes, isso é que era o importante. *Fatsca* não compreende assim e continua, arrogante: *a panela ficou mais de meia!* Eu tinha na mão uma cana. *Fatsca* estava ali mesmo ao pé... Não me segurei. A cana também ficou mais de meia.

Sabeis que *Fatsca* fez a quarta classe há uns 3 anos e tem estado à prova, nas oficinas de alfaiate, a ver o que poderemos esperar da sua capacidade. Ultimamente foi decidido que ele fizesse exame de admissão ao liceu. Fez. Ficou quase distinto. Tem inteligência. Porém, pouco vale isto a qualquer um sem formação. Mais. A inteligência ao serviço do mal, é o pior mal. O homem tem de ser humilde. Tem de ser como a terra, — porque ele é terra! Por

(Continua na 4.ª página)

NA
uinte
nistro
rdade
mplar
m um
as da
é que
da de
duma,
repú-
omar-
e. Por
arre-
nuar.
ogo a
pacho
ança a
sas do
repu-
com o
vemos.
hante.
balho.
ões so-
rando.
listrair
e hoje,
ens de
a nota
bras ri-
eitas a
or Mi-
pedido,
ndo que
ter os
ha sua,
para alu-
s ao Al-
so. Por
ressalto
são saú,
mpreên-
forma
Ao cabo,
ninguém
coração
estes que
es justa-
ção pa-
E, meu
melhor
ltar com
começar,
1.835\$00.
a presta-
irão com
intervalos,
ortâncias
el. e no
os 12 mil
sentirei
Já que
idade de
Deus me
para que
nde ale-
espaço,
ai passar
u último
or; outros
s 100\$ de
eravelha
também
telhas e
Ao pé,
ma telha
uma de
uma pe-
deles.
STRES
i contente
Presidente,
o Arcipres-
idido pelo
ama. Leva-
tes. Cotiza-
faz falta.

Do que nós necessitamos

Mais 50\$, para o do cancro na boca. Não posso dizer com verdade que fui entregar imediatamente, mas no dia seguinte, sim. Eram dez da manhã. Entrei. O homem estava no meio do sobrado, que é parte dum armazem, aonde habita. Ao fundo havia chama. Era ele que estava ocupado com o seu primeiro almoço. *Estou a fazer umas papas*, disse. Não empregou o diminutivo. Não disse «papinhas». Ele foi homem da beira-rio, afeito a grandes pesos e a palavras fortes. Ali mesmo, na posição em que estava, depois de me contar das papas, olha em redor, cerra os punhos e exclama em tremendo desabafo: *ninguém me diz o que eu tenho*. O seu bafio é quase intolerável e cada vez vai sendo pior. Fugir-lhe, não. Deixar de lá ir, muito pior. Então quê? Continuar até ao fim. Amar. Desde que me conheço nesta vida, tenho visto tais alturas nos doentes, que não vem um dia ao mundo em que não faça por eles oração ao Pai Celeste. Incuráveis, sim, quanto a nós. A este e a outros males, nós chamamos doenças incuráveis. Quanto a Deus não. A Deus nada é impossível. Só Ele é capaz de tirar um grande bem de grandes males. É este o caso. Não tem permitido a cura, para nos salvar por meio deste mal. Primeiramente os doentes e depois os que o não são, mas que tenham a capacidade de meditar nestes casos chamados incuráveis. Esta doutrina é verdadeira. São nada os males desta vida, comparados com o peso da glória que nos espera na eternidade. Assim nós sabemos aproveitar esses supostos males. As legiões de doentes desta natureza, que sofrem em relativo conforto, assistidos pela medicina, pelo carinho dos seus e com medicamentos à vista, esses tais, digo, saibam que uma porta mais abaixo fecha doentes iguais ao que faz as papas para o seu primeiro almoço; e isto seja lenitivo.

Ele costuma ir à injeção de 2 em 2 dias. Daqui a pouco não o poderá fazer. E depois? Se os homens estivessem à altura das suas responsabilidades sociais, jamais haveria ocasião de interrogar. Mas não é assim.

Mais de um advogado de Pa- redes a primeira gota do meu suor do primeiro conselho como advogado. Coisa apreciável! Mais 200\$ para os meus irmãos pobres do Barredo, por intenção do S. P.º Cruz. Mais outro tanto de alguém que quer orações por um filho que foi para a tropa. Eu fico rezando para que ele seja um bom soldado; não só este, mas todos. Mais 5 contos com a notícia: *minha filha Maria Paula faleceu no dia 6 do corrente*. Que dor não vai nesta curtas linhas! Mais 100\$ de Casal delo para a tuberculosa do Sanatório de Coimbra. Mais 100\$ de Matozinhos. Mais metade. Mais outro tanto. Mais 20\$. Mais 50\$ de um grupo desportista de Gondomar. Mais 40\$. Mais 50\$ para os Pobres do Barredo. Mais o dobro para ajudar a despesa da doente do Sanatório de Coimbra.

isso vos digo hoje o que aconteceu ao Fátca. Encontra-se no Lar de S. João de Madeira por moço de copa por obrigação; e pode, se quiser, matricular-se, — mas isto por devoção e sem prejuízo do seu trabalho. Vamos a ver.

PELAS CASAS DO GAIATO

COIMBRA O casa da nossa pobre tuberculose continua a preocupar-nos. Esta pobre tem sentido as melhoras que se vão acentuando mercê dos auxílios que temos recebido. Ela desejava agradecer a todos que têm colaborado para as suas melhoras mas como não o pode fazer, venho eu em seu nome agradecer a todos. A tarefa ainda não terminou. Ele são pessoas anónimas, médicos, laboratórios e até estudantes. Uma «república» desta cidade de estudantes também sentem como nós e prontificaram-se a fornecer alguns remédios e deixaram-nos um bilhete com a morada da referida «república» para quando precisarmos de remédios nos dirigirmos a eles. Já lá fomos uma vez e fomos bem recebidos. Esta «república» tem o nome de «Ai óh linda».

Entre os médicos contam-se os snrs. Drs. Azevedo e Afonso Romão. Este último muito nosso amigo e médico assistente deste lar.

Entre os laboratórios temos de Coimbra: Victória e Benfica. Também fizemos pedidos para os laboratórios de Lisboa e fomos atendidos pelo Atral e Delta, que se prontificaram a satisfazer o nosso pedido da melhor maneira.

20\$ de uma senhora do Porto e um bilhete que tinha como final esta legenda: Que DEUS a proteja e salve. Só esta palavra Deus em letra maiúscula vale tudo. Sim, porque só Deus a pode salvar. Só Deus que é infinitamente bom lhe pode dar a alegria e saúde. É mais. Com um filho de dois meses que também pode agarrar esta terrível doença.

Os socorros que nos chegaram ainda são poucos. São precisos mais e muito mais.

Agora mais do que nunca é preciso combater a tuberculose porque a nossa pobre não dias esteve às portas da morte. Se não fosse a Providência o que seria daquela pobre rapariga? Para que querem os ricos tudo aquilo que têm se um dia perderão tudo?...

Para que precisam os ricos dos milhões que possuem? Para se fazerem à vista do mundo e de Deus. Mas Deus não olha a essas riquezas.

Os pobres não têm vergonha de se mostrarem ao mundo e até de estenderem a mão à caridade.

Como aqueles pobres, também eu venho estender a mão à caridade para salvar uma pobre contaminada com a tuberculose.

No dia 18 de Setembro estive em nossa casa o Snr. Arcebispo de Cizico, muito nosso amigo, que nos esteve a explicar um pouco da vida de Sua Santidade Pio X. Falou-nos da seriedade daquela figura eclesiástica quando era rapaz como nós. As tantas perguntou ao Manuel, o segundo batata: quando a gente morre para onde vai? Ele responde: Pró chão. Sim, o nosso corpo vai para debaixo da terra e a Alma? Céu? Inferno? Conforme o nosso estado de alma naquele momento em que encomendamos a alma a Deus.

JOSÉ MARIA FERNANDES

PAÇO DE SOUSA

No dia 18 de Setembro foi a inauguração da casa para os grandes. O Snr. P.º Adriano e o Snr. Engenheiro e mais 2 rapazes vieram de Lisboa para assistir. Antes de ser entregue a cada um o seu quarto, houve uma sessão solene em que tomaram a palavra muitos oradores. Primeiro falou o nosso Pai Américo. Depois, sucessivamente foram falando: o Carlos Inácio, o Carlos Gonçalves, o Júlio Mendes, o Júlio II, o chefe da casa do Tojal, o snr. Engenheiro e por fim, o Snr. P.º Adriano. Todos os oradores foram muito aplaudidos, principalmente o chefe da casa de Lisboa, que não se estive a armar e disse logo que não sabia falar.

Terminou assim a primeira sessão. A seguir apareceu um morcego no salão e desataram todos atrás dele. Por fim o Sérgio sempre o conseguiu matar. Fomos depois celebrar a festa com 3 garrafas de vinho fino e bolachas. Depois de estar tudo satisfeito, um senhor veio-nos tirar retratos.

O Pai Américo leu em seguida a lista dos que iam para a nova casa. São eles: Jacinto, Armando, Manuel Pinto, Manuel Maria, Júlio II, Teixeira, Fernando Marques, Fernando Bartolo, Orlando, António Pereira e Domingos. E depois foi cada um para o quarto que lhe estava destinado.

Agora que estou com a mão na massa vou pedir uma coisa aos senhores. O Pai Américo deu para casa dos grandes uma grafonola muito bonita, mas não toca por não ter discos.

Se os senhores tiverem alguns, nós

agradecemos. Se tiverem também livros, nós também agradecemos, pois a nossa estante está vazia de todo.

O nosso grupo está a progredir cada vez mais. No jogo que fizemos contra o Sport Lisboa e Póvoa, foram só 9-0. Digo só, porque se os nossos avançados estivessem com mais sorte, o resultado poderia ter passado a conta da dúzia. O resultado não se deve ao adversário ser fraco, pois até formavam uma equipa fortíssima, mas sim ao bom desenvolvimento da nossa equipa. Até ao intervalo a nossa equipa limitou-se a estudar a tática do adversário, tendo 2-0 a seu favor.

A segunda parte começou com a nossa equipa a fazer jogo rasteiro e de passes curtos. Os golos começaram a aparecer uns atrás de outros, Zé Eduardo (2), Prata (2), Sérgio (2), Armando (2), Camilo (1), foram os nossos bombardeiros. O recuperação que fizemos na segunda parte foi devido ao duplo esforço dos nossos médios—Sérgio e Prata. Deles é que partiram todos os nossos ataques. Foram eles que deram vida ao jogo, começando por baixar a bola. Mesmo os médios, meteram 4 bolas! Manuel, Constantino, Durães e Bartolo também estiveram a grande altura. Ao ataque todos jogaram de igual para igual. A nossa equipa alinhou: Bartolo; Constantino, Durães e Manuel; Prata e Sérgio; Zé Eduardo, Jacinto, Camilo, Armando e Santa.

Nós ainda não desanimamos da bicicleta a motor. Estamos em crer que quando menos contarmos ela aí nos aparece. Um senhor disse-nos que agora as casas vendedoras já têm grande stok em em armazém. Nós agora apelamos para as afamadas marcas Cuciolo, Alpino, e tantas outras. Vamos a ver qual é a melhor marca pois a que vier é que é a melhor do mundo.

A vindima das uvas brancas, foi a semana passada. Este ano deu muito, porque ninguém foi a elas. O Snr. P.º Américo diz que nós tínhamos medo do cacete do Caçoila, mas não é nada disso. Foi um sermão que ele nos fez; para não querer cada um, o que é de todos.

A vindima das uvas pretas é na quinta feira.

O Pintarrocha e o Carlitos têm 2 galinhas a chocar. Eles também têm pintainhos já grandes. Todos os dias pedem ó Botas folhas de couve e fazem o comer para eles. O Carlitos tinha um galo e deu-o para um doente que só podia comer caldos.

FERNANDO MARQUES

Notícias da Conferência da nossa Aldeia

Continua a mesma alma; a mesma fé na vitória sobre as dificuldades! Se por detrás desta avalanche material, não viesse a força invisível, sim, eu digo invisível, das almas, dos corações, de nada valeriam as nossas cruzadas. Quantas futilidades, quantas extravagâncias relegadas para segundo plano, alim de que aos nossos pobres nada faltel Isto é a alma humana. Isto é o espírito. Isto é «O Gaiato». Isto é tudo do sobrenatural — de Deus. Sim; de facto nós não somos de morrer e acabar... Não.

Pois bem. Queiram prestar atenção a quem se lembrou de suprir dificuldades materiais que surgem da nossa vida vicentina. De Castelo Branco 500\$! Lisboa 50\$. Do Porto 50\$. De Geraz do Lima 20\$. Uma carta de algures trás 100\$ e no término pede desculpa da caligrafia! Pergunto. Que interessa a caligrafia ou até, vamos lá, a redacção, se quem escreve lá-lo com o coração? Mais Lisboa 100\$. Dentro dum envelope tarjado 50\$. Da Senhora da Hora 20\$. Porto com 250\$! Até que enfim... Outros 50\$. Agora dum Farmácia amiga de Lourenço Marques a bonita soma que nos coube de 500\$! Nós somos, de facto, uma revolução. Sim; como pode a nossa obra succumbir? É impossível. Nós somos uma revolução — em nome de Deus e em favor dos nossos irmãos pobres.

J. M.

DIVULGAI

«O GAIATO»

ARGARIANO O

NOVOS ASSINANTES

CRÓNICA DO ULTRAMAR

Depois de uma ausencia um bocaninho larga, volto hoje novamente, caros leitores e amigos rapazes, com as minhas notícias d'Africa. Contar-vos todas as surpresas ou novidades que encontrei era impossível porque tudo para mim o era. Mas por exemplo:

A viagem de Marroneu ao Luabo, pelo Zambese, nos barquinhos de roda atrás, tendo a acompanhar nos crocodilos, hipopotamos, etc., com as suas margens apresentando-nos openas malo, é mérito para quem como eu nunca tinha visto, e sempre atraente e agradável para quem a faz. Depois a chegada ao Luabo—por ali abaixo, apenas nos é dado ver malo—e eis que numa das muitas curvas do Zambese na margem esquerda, nos aparece o Luabo, uma povoação, espécie de aldeazinha com a sua importante fábrica de açúcar, as suas casinhas de madeira e zinco e muitas já de alvenaria, o seu campo de futebol, ténis, golf, o seu Club, o seu campo de aviação e todas as suas outras distrações e prazeres que nos são dado gosar, embora com a ignorancia de quase todos, mesmo os de cá, que julgam que vivemos apenas no meio de feras. Alguns vão até ao ponto de nos suporem menos cultos, porque nos julgam, como eles dizem, afastados da civilização. Não, não é assim. Temos o nosso Club onde periodicamente se exibem filmes, e até vários artistas dão espectáculos, palestras, etc.

Recordo agora palavras do Pai Américo, no Famoso, e que dizia assim — A Africa tem tudo; milho, café, algodão, frutos, etc. etc — Então que falta? Povoar.

Falta povoar. E não se faz porque? Em grande parte pelo medo que ainda existe pela Africa e sobretudo pelo malo. Mas, medo de que, das feras? Dos mosquitos? Sim, na verdade há feras e mosquitos em Africa. Mas aquelas são para os caçadores e dos mosquitos estamos nós defendidos com as redes metálicas em todas as janelas, com o mosquiteiro na cama, etc.

Há tempos alguém que estava de visita perguntou: — Mas como podem vocês viver apenas com 80 ou 100 casais e meia dúzia de rapazes solteiros? — Nós não estranhámos a pergunta; é natural.

Pois vivemos e vivemos bem, graças a Deus. Portanto rapazes vamos para a frente. A Africa dos tempos heroicos já acabou. Hoje é apenas vir colher e continuar o que os nossos antepassados fizeram. Estes sim, tiveram os espinhos! Nós hoje temos apenas de colher as rosas. Muitas vezes entretenho-me a ouvir, e gosto de o fazer, os velhos colonos contarem das suas viagens às costas de prelos, os quilómetros que tinham de percorrer para chegar a qualquer outra localidade povoada, e se a saúde faltava quantos dias eram precisos para se encontrar um médico. Hoje, temos estradas, temos hospitais, temos tudo que é necessário. Então que falta? — Povoar.

E é sobretudo de nós, rapazes, que a Africa precisa, para um Portugal maior e melhor.

DAS NOSSAS CASAS—Para o Carlos Gonçalves e Indio do os meus parabéns. As cartas do Pai Américo, trazem-me sempre as melhores notícias a vosso respeito. Mais uma vez parabéns e continuem.

Para o Amadeu da Covilhã, que com certeza continua a interessar-se pelas nossas coisas, vão também os meus parabéns e desejos das melhores venturas, para ambos. Foi uma surpresa agradável que tive.

Telefonaram-me há dias para me perguntarem a direcção da nossa aldeia. Soube que eram roupas e que já seguiram. Ao snr. Queiros um muito obrigado pela sua oferta, em nome de todos os rapazes.

Há dias falando acerca da próxima passagem do filme, com uma das pessoas mais importantes do Rádio Club de Moçambique, onde cada membro se conta por um amigo e admirador da nossa Obra, obtive como resposta que de tudo se encarregariam.

O Rádio Club, que é ouvido por todos nós, diz e diz e diz. Depois no Cinema alguém, por muito nosso amigo, diz e também. E depois, todos os presentes dizem.

Na Beira, idem. O mesmo entusiasmo, com todos a dizer que sim. Cá nem se fala. Portanto, Pai Américo faltanos apenas o filme. Cá o esperamos.

E agora para terminar, e o ditado diz que os últimos são os primeiros, vão algumas palavras para os membros das nossas conferências. Peio Famoso vejo que seguem cada vez com mais entusiasmo. Continuem. As horas da visita ao pobre foram sempre, para mim, as de maior satisfação e alegria, pois nelas encontrei sempre um motivo de conforto.

Na visita ao pobre dá-se um e recebe-se cem. Portanto rapazes, o negócio é vendoso, não o desaproveitemos.

Termino pois, com saudades para todos, do Cronista ultramarino

António Teles